

**"MILTON SANTOS, UMA BIOGRAFIA"***"MILTON SANTOS, A BIOGRAPHY"*ID Diogo Marçal Cirqueira <sup>A</sup><sup>A</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 13/06/2023 | 15/06/2024 DOI: 10.12957/tamoios.2024.76967

Correspondência para: Diogo Marçal Cirqueira (diogomc@id.uff.br)

Milton Santos é certamente um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX. Possui dezenas de livros e artigos publicados e foi agraciado com uma série de prêmios e de Doutor honoris causa por diversas universidades. É o único latino-americano a ganhar o prêmio máximo da Geografia, o prêmio *Vautrin Lud*. Apesar disso, são raras as pessoas que conhecem a fundo sua história de vida. Isso, um pouco devido a sua aversão em relatar sua vida pessoal (preferia ser reconhecido por suas ideias), mas, também, pelo despreço da população brasileira pelos homens de letras, como ele próprio dizia. Essa lacuna, de qualquer forma, fez com que Milton Santos ficasse vagando entre a pessoa e o personagem, tanto entre seus admiradores quanto entre seus críticos. Muitos acadêmicos, principalmente geógrafos, têm histórias e mais histórias pra contar sobre Milton Santos, contudo, são raras as pesquisas sérias sobre a trajetória de vida do intelectual - ainda que sua obra seja bastante discutida e analisada. Foi essa a lacuna preenchida pelo jornalista e professor Fernando Conceição com seu livro "Milton Santos, um perfil biográfico", a primeira biografia fruto de pesquisa sobre a vida do intelectual.

O livro segue uma estrutura incomum para uma biografia. No capítulo introdutório, "A grandiosidade do entendimento", Conceição, com uma narrativa pessoal, fala sobre seu encontro com Milton Santos e contextualiza a autorização que lhe foi concedida pelo próprio para a produção de uma biografia. Essa narrativa pessoal é enredada pelo contexto dos anos 1990 em São Paulo, quando Milton Santos se encontrava na condição de professor no Departamento de Geografia da USP e já era reconhecido como um grande intelectual na cena brasileira e mundial. Reflexo disso, temas que aparecem recorrentemente nesse início são as discussões sobre a globalização, tema sobre o qual Milton Santos vinha despendendo uma série de análises; bem como, interpretações sobre os sentidos da intelectualização e intelectualidade. Frente à burocratização da vida universitária, o intelectual deve estar disposto a criticar, "não bajula os poderosos do dinheiro, os poderosos do poder e também não bajula os pobres" (p. 23), diz ele em uma das entrevistas reproduzidas na biografia.

Na medida em que Conceição apresenta os bastidores das entrevistas que realizou com o intelectual nesse período, aparece o lado humano de Milton Santos, principalmente em seus últimos anos de vida, quando o câncer já se encontrava em estágio avançado. Reaparece os traumas referentes a morte do filho, Miltinho, e do irmão, Naílton; é mencionada a presteza de Milton Santos para ajudar o próprio Conceição em uma contenda policial devido uma pichação



a favor das cotas para negros nas dependências da USP; e, como uma pessoa comum, é contado o gosto que Milton Santos tomou pelas telenovelas, principalmente quando a doença o confinou em casa. Ainda que a discussão seja marcada pela ideia de “encontro” no capítulo introdutório, também são destacados os desencontros, na verdade, as perdas. Conceição fala da última entrevista - talvez uma das mais importantes - que Milton Santos tenha concedido tratando da história de sua vida, realizada poucas semanas antes de seu falecimento. Tal importantíssimo documento foi perdido no incêndio ocorrido na ECA-USP em 2001. Uma perda inestimável para biógrafo e para os estudiosos de Milton Santos

É a partir desse encontro, também, que se constitui a narrativa biográfica estabelecida por Conceição. Engenhosamente, de início, o autor expressa os limites de uma biografia. Toda narrativa biográfica é parcial, circunscrita e perspectiva. Conceição, dessa forma, apresenta-se, posiciona-se, tanto reconhecendo as possibilidades de uma biografização, quanto expondo seus limites. Assim, deixa explícito a opção não-linear para a composição cronológica e topológica da biografia. Há uma “tempestade cerebral” já nesse primeiro capítulo, pois vários tempos e espaços da vida do intelectual aparecem através das entrevistas e na narrativa do autor como um prelúdio do que virá. A maior força disso é que a narrativa dá um tom dramático aos derradeiros anos de vida de Milton Santos. De alguma forma o livro se inicia a partir desse lugar próximo a morte; às vezes desolador, às vezes saudosista, às vezes inspirador. Algo presente nas últimas conversas entre ambos.

Nos capítulos subsequentes é realizado, de fato, uma cronologia biográfica da vida de Milton Santos. Nos capítulos “Milton ou Nailton, cada um no seu quadrado” e “Os Santos nas terras dos coronéis”, são abordados os contextos histórico e político nos quais viveu a “Família Santos”. Os avós de Milton Santos, por parte de pai e por parte de mãe, são apresentados. Suas origens, profissões e relações são colocadas no contexto do pós-abolição. É também demonstrada a influência, direta e indireta, que estes desempenharam na vida de Milton Santos. Em especial os avós maternos, Nicolau Tolentino de Sant’Anna e Luiza da França Almeida, professores e “sócios benfeitores, beneméritos e honorários” (p. 58) do Centro Operário da Bahia, firmaram-se como referências simbólica e moral no projeto de ascensão que recaiu sobre o intelectual. Por outro lado, dos avós paternos, Irineu Cesário dos Santos e Maria Olympia da Conceição, herdeiros dos trabalhos da escravidão como lavrador arrendatário e vendedora ambulante de verduras, Milton Santos apreendeu as visões sobre a experiência da precariedade. É a partir da relação com seus avós paternos que ele se coloca em contato com o espaço dividido dos dois circuitos, não somente da economia, mas também da cidadania na cidade de Salvador.

Quanto aos pais, Sra. Adalgisa Ubelino Almeida dos Santos e Sr. Francisco Irineu dos Santos, Conceição realiza uma minuciosa investigação sobre a trajetória destes pelo interior da Bahia como professores, por Brotas de Macaúbas, Itabira, Ubaitaba e alhures, até o regresso a Salvador. É utilizado para isso, além da narrativa de Milton Santos, as cartas trocadas entre ele e seus pais no período e a visita e coleta de história oral com ex-alunos de Sra. Adalgisa e Sr. Irineu nas cidades onde trabalharam como professores. O autor chama a atenção para o fato de que Milton Santos nasceu nesse movimento dos pais, algo que o afetou profundamente. Até o “primeiro exílio” de Milton Santos, com sua ida para Salvador a fim de cursar o ensino



fundamental, seus familiares conduziram a formação educacional do pequeno intelectual não na escola, mas, por onde firmaram residência.

Grande parte das abordagens sobre os antepassados de Milton Santos se limitam às memórias do próprio. Conceição, nesse sentido, realiza uma grande contribuição, pois, utiliza múltiplas fontes (como cartas, dados do censo, jornais de época, história oral, certidões, identificação de filiação a agremiações etc.) para compreender a história familiar do intelectual. Isso, inclusive, coloca à prova algumas afirmativas do próprio Milton Santos, como a de que seus bisavós maternos foram amigos de Ruy Barbosa e que o seu avô havia sido prefeito de Brotas. De acordo com Conceição, "a cronologia não bate. E até agora não foram encontrados documentos que comprovem uma coisa nem outra" (p.60). Há também que se enfatizar que Conceição, ao realizar uma história da trajetória da família Santos, demonstra a importância do espaço, não como um determinante, mas, como um condicionante na constituição do(s) sujeito(s).

Nos capítulos "No covil das facções e dos saberes" e "Geografia, uma escolha para a vida", é narrada a mudança de Milton Santos para Salvador, ainda menino, para completar sua formação, primeiro como interno no Instituto Baiano; posteriormente, no Ginásio da Bahia, até a Faculdade de Direito. São destacadas as opções pessoais frente aos percalços e possibilidades. Por exemplo, a preferência pelo curso de Direito e, posteriormente, pela carreira de geógrafo são tomadas frente às questões raciais e barreiras de classe que existiam em Salvador nos anos de 1950. Assim como a escolha por cursar Direito se deu por conta do "mito de que Escola Politécnica de Salvador não aceitava negros", a escolha pela Geografia emerge devido a estrutura de classe bastante rígida no contexto soteropolitano. Famílias passavam de pai para filho as profissões e cargos no serviço público, inclusive na Universidade. Daí a decisão de buscar um posto de professor de Geografia no interior do Estado da Bahia, no Colégio de Ilhéus.

Os capítulos "Do auge à cadeia" e "Um punhal pendente no ar" são os mais instigantes do livro, pois, Conceição narra a ascensão e queda de Milton Santos no contexto soteropolitano e as consequências do exílio. São tratadas suas tentativas de ingressar na vida política ao se candidatar a vereador, a atuação como chefe do Sub-Gabinete Civil na Bahia e como presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico da Bahia (CPE); ainda, a atividade exercida como redator do jornal A Tarde – o principal jornal da Bahia à época; e, a sua afirmação como professor e pesquisador em Geografia no Brasil, aspectos que precederam a prisão e o exílio por conta da ditadura militar.

Milton Santos, por sua conduta ética e moral, pouco tratou em vida dos motivos que o levaram a ser perseguido e exilado pelos militares, em especial das acusações de corrupção. Conceição, nesse sentido, acessa os autos e apresenta uma série de documentos que demonstram a inocência de Milton Santos. Fica nítido que o intelectual foi utilizado como bode expiatório, um "inocente útil", para que Lomanto Júnior (o governador da Bahia no período) permanecesse no cargo. Como os militares não encontraram ligações do intelectual com "os comunistas", buscou-se atingi-lo na ordem moral e racial: era um "negro metido e mulhengo", um "devasso", bradavam seus persecutores militares. Os efeitos disso são a angústia de Milton Santos no exílio, algo relatado em carta a seu companheiro de jornal, Jorge Calmon (p.123-



125); do mesmo modo, as dificuldades que enfrentou para regressar ao Brasil e, posteriormente, ingressar nas universidades, ainda que fosse um professor e pesquisador mundialmente reconhecido.

Por fim, deve-se chamar a atenção para dois aspectos discutidos por Conceição, mas que são pouco notados na vida-obra de Milton Santos - principalmente por geógrafos. O primeiro se refere a influência do jornalismo no intelectual. Antes do exílio, em grande parte de sua vida, Milton Santos atuou como jornalista. Isso deitou influências não somente em sua forma de escrita, como em suas teorizações, que sempre buscaram compreender os sentidos e efeitos sócio geográficos dos sistemas informacionais. Do mesmo modo, é discutida a experiência de Milton Santos como negro. Apesar da crença de que "Milton Santos não se sentia negro" (p.49), é evidenciado nessa biografia os posicionamentos dele sobre esse assunto e os impactos do racismo em diversos momentos de sua vida pessoal.

Sem dúvida, essa é a obra biográfica sobre Milton Santos com mais pesquisa empírica e sistematizada até então. Este livro se firma como uma referência para aqueles que buscam conhecer mais sobre a trajetória de vida do intelectual. No entanto, também apresenta algumas lacunas. A primeira diz respeito à produção teórica de Milton Santos, pois não há um tratamento adequado desse assunto. De fato, vida e obra não são devidamente articulados na biografia, sendo dada maior pujança à vida em detrimento da obra. Talvez aqui o autor tenha medrado frente ao fato de a obra de Milton Santos ter muitos "donos", ou, talvez sejam os limites de sua formação em jornalismo. De qualquer forma, não há um aprofundamento sobre a obra do intelectual. Também, não há um aprofundamento na história de vida de Milton Santos entre os anos 1980 e início dos anos de 1990, momento que precede o seu reconhecimento como grande intelectual e pessoa pública. Esse período aparece na introdução, contudo, mereceria uma leitura mais acurada, para além das entrevistas citadas e reproduzidas.

Conceição alerta sobre o fato de que, ainda que uma biografia autorizada, o livro se encontra em "processo de construção" (p.10-11). Nesse sentido, esperamos que em futuras edições o autor possa preencher essas lacunas. Ainda assim, isso não tira a relevância do livro, e sim, nos instiga a realizar mais pesquisas sobre Milton Santos. "Vida longa a esse terremoto"!

## REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Fernando. Milton Santos, uma biografia. Ed. Autor, Petrobras: São Paulo, 2016. p. 176.

## COMO CITAR ESTE TRABALHO

Cirqueira, Diogo Marçal. Resenha do livro "Milton Santos, uma biografia". Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 20, n. 2, p. 346-349, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.76967>. Acesso em: DD MM. AAAA.